



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSÉ DONATO NUNES DA SILVA

**TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA – LOGRADOURO-PB (1988-2017)**

**Guarabira - PB
Novembro/2017**

JOSÉ DONATO NUNES DA SILVA

**TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA – LOGRADOURO-PB (1988-2017)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.

Área de concentração: História, Ensino e Currículo

Orientação: Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa

**Guarabira - PB
Novembro/2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

S586t Silva, José Donato Nunes da.
Transformações ocorridas na participação da família no processo de aprendizagem da criança - Logradouro - PB (1988-2017) [manuscrito] / Jose Donato Nunes da Silva. - 2017
39 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Rivaldo Amador de Sousa, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Família. 2. Fatores Contributivos. 3. Participação Familiar.

21. ed. CDD 372.24

JOSÉ DONATO NUNES DA SILVA

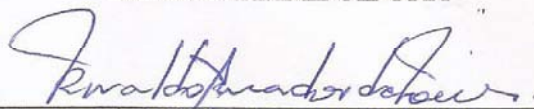
**TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA – LOGRADOURO-PB (1988-2017)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.

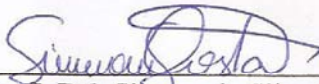
Área de concentração: História, Ensino e Currículo

Aprovada em: 14/11/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Dr.^a. Simone da Silva Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a. Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, pela generosidade de estar sempre ao meu lado.

A minha mãe, Lindalva Gualberto Gomes, pela dedicação e incentivo durante toda minha vida, em especial neste de graduação.

A meu orientador professor Me. Rivaldo Amador de Sousa pelas orientações no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos professores do curso de Graduação em História pelos conhecimentos transmitidos e que foram de fundamental importância para o meu processo de aprendizagem.

A minha família, em especial aos meus tios (as): Ivan, Ednaldo, Amélia, Ana e Izélia, pelas preocupações e incentivo com meus estudos.

Aos meus amigos pelo incentivo nas horas de dificuldades, em especial a Jussiliano, Adriano, Ivanildo e Erivan.

Aos meus colegas de curso, Francisco, Jordan, Levy, Joel e Jedcleison pela parceria e ajuda nas horas de dificuldades.

Enfim, agradeço imensamente a todos que contribuíram em mais esta etapa de minha vida.

Por melhor que seja uma escola, ela nunca vai suprir a carência de uma família ausente. Portanto, a família deve participar de verdade do processo educativo de seus filhos.

. Gabriel Chalita

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar as transformações ocorridas na participação das famílias no processo de aprendizagem da criança, tendo como foco a cidade de Logradouro – PB, entre 1988 – 2017. Procuramos entender os fatores contributivos para a ausência da participação da família. Para se chegar ao nosso objetivo, utilizamos pesquisas bibliográficas e realizamos hipóteses iniciais, fizemos entrevistas com algumas mães, onde ao analisarmos suas falas, concluímos que as hipóteses iniciais têm um embasamento verídico. A intenção da pesquisa para elaboração deste trabalho foi de obter um material que ilustrasse as transformações ocorridas nas famílias, para que assim ele seja usado em palestras com pais e mestres, alertando-os sobre possíveis riscos na formação de seus filhos.

Palavras-Chave: Família, fatores contributivos, participação familiar

ABSTRACT

This work aims to identify the transformations that occurred in the participation of families in the process of learning of the child, focusing on the city of Logradouro - PB, between 1988 and 2017. We sought to understand the contributory factors for the absence of family participation. To reach our goal, we used bibliographical researches and made initial hypotheses, we did interviews with some mothers, where when analyzing their speech, we conclude that the initial hypotheses have a true basis. The intention of the research to elaborate this work was to obtain a material that illustrates the transformations occurring in the families, so that it can be used in lectures with parents and teachers, alerting them about possible risks in the formation of their children.

Key words: Family, contributory factors, family participation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – A participação da família patriarcal no processo de aprendizagem da criança: Algumas notas.....	13
CAPÍTULO II – A ausência da família no processo de aprendizagem da criança: Em busca de fatores contributivos.....	18
2.1 – A entrada da mulher no mundo do trabalho e sua participação no processo de aprendizagem da criança.....	23
CAPÍTULO III – Entre a casa e o trabalho: participação e ausência dos pais na vida escolar dos filhos.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
APÊNDICE.....	34

INTRODUÇÃO

Atualmente a sociedade brasileira ainda reverbera valores predominantemente machistas. Quando se fala que a responsabilidade de cuidar dos afazeres domésticos e da educação dos filhos, é da mulher, lembro muito do meu tempo de infância, onde era justamente essas responsabilidades que a minha mãe exercia, pois não tinha um trabalho sem ser o doméstico, então tinha tempo para acompanhar o meu processo de aprendizagem. E esse acompanhamento era rigoroso.

Ela sempre falava para mim: “você tem alguma tarefa de casa para fazer? Se tiver vá tentando fazer enquanto estou varrendo a casa e cuidando do almoço, depois quando eu terminar vou olhar o caderno para ver se você já fez e só vai brincar depois que terminar a tarefa de casa e realizar a leitura de um texto.” Na época achava isto muito ruim e chato, pois minha vontade era apenas de brincar. Hoje agradeço a dona Lindalva Gualberto da Silva, minha “mãe”, por ela na época ter mim dado esta atenção que foi fundamental no meu desenvolvimento de aprendizagem e até mesmo no meu caráter.

Às vezes paro para pensar e fico imaginando, como eu seria e o que eu tinha aprendido se não fosse esse acompanhamento que minha mãe me deu. Com certeza não teria me desenvolvido o quanto desenvolvi. Pois é fundamental à criança ter essa dedicação dos pais, ou seja, na maioria das vezes dada pela mãe na sua base.

Estou em sala de aula lecionando e percebo que muitos alunos têm muita dificuldade de aprender, e quando vou investigar na maioria das vezes detecto que esse aluno não teve e/ou não tem um acompanhamento mais cuidadoso por parte dos pais em seu desenvolvimento de aprendizagem. E de acordo com Silva, quando há esse acompanhamento dos pais, observa-se muitas vezes essas experiências “[...] demonstra uma participação mais ativa da mulher, embora o seu papel fosse limitado por conta da figura masculina” SILVA, 2009, p. 5).

Quando se fala: “uma participação mais ativa da mulher” está se referindo a participação no acompanhamento do processo de aprendizagem dos filhos, pois no início da época em que este trabalho está focado, ou seja, 1988 ela como não estava inserida no mercado de trabalho tinha tempo para pelo menos pedir diariamente que seus filhos estudassem, tendo em vista que a maioria não podia ajudar nas tarefas, pois eram analfabetas, mas que esse cuidado em querer ver seu filho estudando era de fundamental importância.

É verdade que atualmente a maioria das mulheres não tem muita esta atividade e acompanhamento na vida estudantil dos seus filhos. Essa ausência na atividade estudantil da criança se deve ao fato do deslocamento parcial desse papel feminino de “geradora do lar” para outras atividades remuneradas ou não. Assim, o seu tempo cotidiano agora é distribuído de forma mais complexa, com responsabilidades sobre o lar, os afazeres domésticos, e o desenvolvimento de trabalhos remunerados para o sustento da família. Na concepção de diversos pensadores da educação, essas transformações, somadas a outros fatores, estariam contribuindo para o fracasso escolar. O próximo capítulo vai abordar justamente esta transformação da participação das famílias no processo de aprendizagem da criança e suas conseqüências.

Este nosso trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “**A participação da família patriarcal no processo de aprendizagem da criança: algumas notas**”, procuramos apresentar de forma sucinta a presença da família na educação dos filhos durante o período colonial. Não queremos aqui de maneira alguma dar conta de uma dimensão temporal e espacial tão grande como a sociedade colonial do Brasil. Se assim pensarmos seria, verdadeiramente, apenas uma tentativa pretensiosa demais. Contudo, a nossa intenção é apenas discutir alguns aspectos que possam nos ajudar a pensar a presença da família na vida escolar da criança nas últimas três décadas.

No segundo capítulo que intitulamos “**A ausência da família no processo de aprendizagem da criança: em busca de fatores contributivos**”, buscamos compreender os fatores que contribuem para essa ausência da família.

O terceiro e último capítulo, “**Entre a casa e o trabalho: participação e ausência dos pais na vida escolar dos filhos**” procuramos analisar algumas falas de mulheres mães e que entrevistamos para esta pesquisa. Nas suas falas foi possível evidenciar uma completa ausência dos pais na vida escolar de seus filhos.

As entrevistas foram realizadas apenas com as mães, pois nas duas famílias, seus esposos não se encontravam em suas casas pelo motivo de trabalharem na cidade de João Pessoa, e só vinham em casa quinzenalmente.

CAPÍTULO I – A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA PATRIARCAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA: ALGUMAS NOTAS

Desde o Brasil colônia as famílias participam do processo de aprendizagem da criança, neste período lembremos que não tinha escola e a educação era realizada no convívio da família, através de ensinamentos voltados para o seu desenvolvimento sócio-cultural e pelos Jesuítas, que foram os primeiros professores no nosso país, o ensino ficava a cargo da igreja, mas sem dúvida alguma deste período até aos dias atuais aconteceram várias transformações na forma de participação, as famílias são produtos do meio em que vivem e durante esses períodos, as mudanças tanto na sociedade, economia, política e etc. foram inevitáveis. Conforme o tempo foi se passando a educação antes realizada pelos Jesuítas “igreja” foi sendo repassada para os pais e estado.

Neste capítulo pretendemos fazer uma leitura panorâmica sobre a família patriarcal e o seu papel na formação dos filhos, modelo de família predominante na região do Nordeste açucareiro nos períodos colonial, imperial e contemporâneo.

Antes de entendermos a participação da família patriarcal no processo de aprendizagem da criança vamos procurar entender/compreender o que é “família patriarcal”, analisando sinteticamente alguns conceitos do que é “família patriarcal”, propostos por alguns estudiosos de diferentes áreas de estudo.

No Brasil, três autores (Gilberto Freyre, Oliveira Vianna e Antonio Cândido) são considerados muito importantes quando o assunto é família e especificamente patriarcal. Segundo esses pensadores, este modelo de família tinha construído a Nação brasileira, mas, é claro que existem muitos outros que também são especialistas no assunto. Segundo Szapiro, no período de colonização do Brasil,

o povo ibérico contribuiu para a sociedade brasileira com diversos valores e formas de pensar características de sua cultura. Um dos valores centrais para a sociedade portuguesa e espanhola seria a família, mais especificamente, a família com o modelo patriarcal e conservador (SZAPIRO apud MONCORVO, 2008, p. 14).

Foi com este modelo de família que os povos ibéricos conseguiram fazer com que o período colonial obtivesse êxito, pois com este aconteceu uma facilitação em obter um controle de tudo, tendo em vista, existir uma pessoa específica entre os membros desta família que detinha o controle de tudo, pois:

A família patriarcal apresentava um caráter de família extensa, pois além de núcleo central formado pelo dono da casa, sua esposa e filhos legítimos; abarcava irmãos e irmãs, tios e tias, primos, noras e genros, afilhados, grupos de agregados; incluindo, ainda, filhos ilegítimos, serviçais, escravos, afilhados e etc. Este fenômeno foi denominado de solidariedade parental. O patriarca dominava com autoridade absoluta e incontestável que possuía caráter e influência política e econômica, alcançando todas as esferas da sociedade (MONCORVO, 2008; p.15).

Podemos perceber que neste modelo de família até agora pouco se falou da mulher, isto é motivado pela importância e autoridade que é dado ao homem, ele tudo pode, todos tem que obedecê-lo. De acordo com a historiadora,

[...] o fortalecimento da família patriarcal se explica pela própria estrutura colonial: numa época em que o governo português não conseguia se fazer representar em toda a colônia, o proprietário de terras tomou as rédeas do poder local. O sistema de parentesco era a forma pela qual os indivíduos se reconheciam no mundo: ser filho, parente, compadre, cabra, escravo do senhor proprietário, conferia os limites e possibilidades para cada indivíduo. Desta forma, o poderio patriarcal foi gestado na ausência de um Estado forte, e seu declínio se verificaria quando este Estado assumisse seus papéis. (TERUYA, 2000; p. 4)

Não podemos generalizar e dizer que o modelo de família patriarcal foi o único que existiu no Brasil durante o período colonial. De acordo com Moncorvo, as pesquisas de alguns historiadoras/es que exploraram a história da família brasileira como Samara (1983) e Correa (1982)

Enfraqueceram as convicções de diversos historiadores, antropólogos e sociólogos que consideravam a família brasileira unicamente patriarcal. Estes estudos e pesquisas, iniciados a partir de meados dos anos 80, demonstraram existir outras configurações familiares que coexistiram com, ou mesmo predominaram sobre o modelo patriarcal. A descrição da família patriarcal latifundiária de Freire (1951, 1973), portanto, não deve ser considerada como a única representação plausível para a família brasileira ao longo de sua história (MONCORVO, 2008; p. 15).

Muitos pensam que a família patriarcal foi uma organização predominante em todo território nacional durante um determinado tempo e que só depois começaram aparecer outras organizações familiares, mas como diz os autores (as), não foi bem assim, pois a predominância foi em alguns lugares, pois que,

[...] a descrição das famílias extensas do tipo patriarcal de Freire foi predominante nas áreas de lavoura canavieira nordestinas, sendo inapropriadamente utilizada para as demais regiões, sem levar em conta etnias, temporalidades, grupos sociais, contextos econômicos regionais, razão de sexo e movimento da população (MONCORVO, 2008; p. 16)

Assim, diferentes pesquisas dão conta de que outras configurações de estrutura familiar coexistiram na área canavieira do Nordeste e em outras regiões brasileiras, em muitos casos muito mais forte que o modelo tradicional de família patriarcal tão decantado por alguns pensadores brasileiros.

[...] o retrato da família brasileira Idealizado pelo patriarcalismo, através dos tempos, serve como modelo dominante, e nos leva a ignorar a existência de outras famílias que também fizeram história. Demonstra um modelo que serve para entender a organização familiar da sociedade brasileira, mas não podemos deixar de analisar o quanto este modelo delimitou o papel feminino e o masculino por muito tempo em nossa sociedade. “As relações entre os sexos e, conseqüentemente, a posição da mulher na família e na sociedade em geral constituem parte de um sistema de dominação mais amplo.” (SAFFIOTI, 1979, p. 160).

A delimitação do nosso trabalho está centrada justamente numa área da região do Nordeste marcada pela economia da produção do açúcar¹. Trata-se de uma localidade que atualmente ainda existem resquícios de famílias patriarcais, onde o homem é o superior, responsável pelo sustento da família. Enquanto isso, à mulher é reservado o papel de cuidadora do lar, da prole e das atividades domésticas. Ancorada em Tarlei do Aragão, Moncorvo afirma que, durante o período colonial – e por que não dizer nos períodos imperial, republicano e contemporâneo-, “o papel das mulheres casadas restringia-se aos cuidados com os filhos e as funções domésticas”. Contudo,

[...], a mulher apresenta um valor singular na categoria mãe ou esposa – mãe no interior da família, sendo responsável por conferir o caráter relacional à sociedade brasileira, estendendo, assim, o universo doméstico à esfera pública. O poder absoluto do pai na vida doméstica também acentuava a importância do espaço doméstico, mas estava associado à figura da mulher e da mãe. O homem necessitava ter uma esposa para alcançar prestígio social, ou seja, possuir lar e família dignos. No entanto, a figura do marido e do homem mantinha a posição de destaque e centralização. Tanto no Brasil colonial quanto na sociedade portuguesa, o pátrio poder que emanava do matrimônio, irá exercer influência nas relações de gênero e nas questões de autoridade da família. As relações familiares submetidas à influência do modelo patriarcal irão perdurar até hoje, sendo a sua dominância mais marcante até o século XIX (2008, p. 15).

Percebe-se que a mulher, neste período, não era inserida no mercado de trabalho, tendo em vista que sua função era mais para cuidar da casa e dos filhos, favorecendo assim a participação dela no processo de aprendizagem das crianças, mesmo sendo um

¹Logradouro é um município brasileiro do Estado da Paraíba localizado na microrregião de Guarabira. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2013, sua população era estimada em 4.157 habitantes, distribuídos em 38 km² de área.

acompanhamento se referindo mais pela questão de supervisionar se a criança está respondendo as tarefas de casas, caso ela não estivesse, geralmente as mães pedia que as crianças respondessem, pois como elas eram analfabetas, não podiam participar ativamente.

Na análise que se pode fazer sobre a discussão em torno deste modelo de estrutura familiar, pode-se concluir que, o acompanhamento que as crianças tinham em suas tarefas de casa, por exemplo, é muito maior do que elas têm atualmente em muitas famílias, pois se a mulher não trabalhava, ela tinha como dividir o tempo para a casa e os filhos, uma vez que,

Na sociedade patriarcal, às mulheres destinavam-se à obediência e a procriação. Eram “boas” esposas e “boas” mães, e pertenciam ao espaço doméstico. Através da imagem de fragilidade física da mulher construiu-se que a sua natureza era inferior ao homem. Ela estaria propensa à passividade, à submissão, à docilidade, à meiguice e à clareza dos sentimentos. Deveria ser exemplo da moral e dos bons costumes. Então lhe era negado o direito de estudar ou de manifestar-se socialmente (SILVA, 2009, p. 28)

Percebemos desta forma que existe uma diferença entre o homem e a mulher reforçando os conceitos de dominação e fragilidade, além de evidenciar uma visão moralista, também está evidenciando as diferenças dos papéis de ambos, tendo em vista que: à mulher coube a responsabilidade de cuidar dos afazeres domésticos, da educação dos filhos e do poder de mando para com os escravos; funções estritamente femininas e relativas ao âmbito privado.

Com os filhos e o lar, não se pode negar que neste modelo de família, a mulher disponibilizava de bastante tempo para exercer as funções que lhe eram atribuídas, além da procriação, como sendo a única responsável pelos cuidados para com os/as filhos/as. Ao homem cabia o provimento de necessidades básicas materiais para a família. Com isso, ele se eximia de uma maior atenção aos filhos/as, de afetividade.

Na família patriarcal podemos dizer que o processo de aprendizagem das crianças começava a se desenvolver no convívio familiar, que deve ser mesmo o primeiro local de aprendizagem, porém essa só acontece se existir um adulto por perto auxiliando-o, isto é de fundamental importância e que até começar as grandes transformações na sociedade, existia na maioria das famílias patriarcais. Nesse modelo, “a educação era baseada, na maioria das vezes, no autoritarismo, na violência e na opressão. Os filhos não tinham vontade própria e deviam obedecer aos pais e aos mais velhos.” (PEREIRA, 1995, p. 2)

Mas, com as transformações ocorridas na sociedade, tais como, industrialização, entrada da mulher no mercado de trabalho foi inevitável também não modificar as características e costumes do modo familiar patriarcal, e o século XX foi o marco para estas

transformações que a partir deste momento começou a mudar tanto a convivência das famílias quanto na sociedade em geral.

Não podemos dizer que as transformações vão ocorrer simultaneamente em todo o país, pois cada região/lugar desde o início do período colonial já tinha sua particularidade com relação ao modelo familiar. E que atualmente ainda permanece assim, muitas famílias ainda vivem seguindo este modelo de família patriarcal, claro que com algumas transformações, mas que devido o lugar em que vivem e as condições de vida, não sofreram muito com as transformações ocorridas no Brasil do século XX aos dias atuais, só que muitas coisas mudaram na maioria dos lugares do país nas últimas décadas e são essas transformações que vamos procurar entender e fazer uma análise sobre suas consequências.

CAPÍTULO II - A AUSÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA: EM BUSCA DE FATORES CONTRIBUTIVOS

Sabendo que ao longo do tempo aconteceram transformações na forma de como as famílias participaram no processo de aprendizagem das crianças, e que, de acordo com diversas pesquisas realizadas nas últimas décadas no Brasil, na atualidade só cresce o número de famílias que não participam deste processo.

Neste item apresentaremos alguns dos fatores que, direta e indiretamente, contribuíram, atualmente, para que muitas famílias não participem do processo de aprendizagem da criança.

Em nosso país, no ano de 1808 aconteceu um fato que foi um marco na transformação do modelo familiar patriarcal para nuclear, ou seja, a “moderna família brasileira”, como afirma Teruya, “[...] da chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro e com o início de uma vida social na Colônia, que incluiu o estabelecimento de oportunidades de estudos e outras formas de ascensão social” (p. 10).

Neste período várias transformações aconteceram no Brasil, tanto na vida social e cultural, quanto na política e nos mundos do trabalho.

Então, foi a partir deste acontecimento histórico acontecido no ano de 1808, onde a família real foi instalada na cidade do Rio de Janeiro que houve as grandes transformações principalmente na capital do império, mas que em pouco tempo chegaria em todo o país, tais como:

A saída da mulher para o mercado de trabalho, a educação dos filhos, a impessoalidade nas relações sociais, o controle de natalidade e o enfraquecimento dos laços de parentesco são as grandes mudanças apontadas por Cândido para esta família moderna. (TERUYA, p. 10).

E ainda, de acordo com essa mesma historiadora,

A condição urbano/rural foi a baliza para determinar o tipo familiar. Concordava-se que o processo de urbanização e industrialização da sociedade no século vinte, juntamente com o fenômeno da migração, fizeram com que o controle da produção passasse gradualmente da família para os empresários capitalistas e para o Estado, e com isto, ocorreram o enfraquecimento das relações de parentesco, a redução do tamanho da família e a redução do poder do pai e do marido. (TERUYA, p. 10).

Dentre estas transformações o enfraquecimento do poder do pai e do marido seria o que mais influenciou na mudança da participação das famílias no processo de aprendizagem da criança, pois antes como já vimos o homem “pai” e “marido” era o chefe da família, onde este era quem trabalhava para manter sua família, ou seja, a mulher, “mãe” e “esposa” em sua maioria cuidava da casa e dos filhos. Com esse enfraquecimento a mulher começou a ter outros afazeres.

O processo de urbanização e industrialização possibilitou à mulher a conquistar novos espaços e uma das conquistas mais significativa foi a sua entrada no mercado de trabalho. Como acabou o privilégio de só ele está inserido no mercado de trabalho seu poder enfraqueceu um pouco, ela entrou em cena, pois neste momento exigia que a mulher ajudasse seu marido, pois o tempo era outro, e além que nesta época começou-se a quebrar o tabu de que a mulher era feita apenas para cuidar da casa e dos filhos, o momento também começou a propiciar o direito de a mulher entrar no mercado de trabalho, mesmo que sendo menos remunerada que o homem, mas já era uma conquista.

Neste processo de mudanças, as mulheres pertencentes à elite dominante não mais se mantinham reclusas no espaço doméstico. Elas passaram a frequentar a igreja, as festas, os bailes, aumentaram seu convívio social, garantindo algum espaço na sociedade. “A família patriarcal perdia sua dimensão rígida, permitindo à mulher desenvolver certo desembaraço de atitudes”. (SILVA, 2009)

Foi justamente isto que aconteceu, não podemos generalizar dizendo que foram todas as mulheres que começaram a entrar no mercado de trabalho e ter mais liberdade ao mesmo momento. No início, quem teve este privilégio foram algumas mulheres pertencentes a uma determinada classe social.

Tudo na vida para se concretizar precisa primeiro ter objetivo, idealização, e claro um início e não foi diferente, trata-se de um período em que tais mudanças ocorrem timidamente, mas podem ser compreendidos como uma sinalização para grandes mudanças no papel social da mulher, para acontecer essas transformações que ocorreram a partir do século XX. E se tratando com relação a inserção da mulher no mercado de trabalho, sem dúvida alguma teve pessoas que idealizavam e tinha o objetivo de tornar isso uma realidade e que lutou sem medir esforços. A esse respeito Gokhale afirma que, “a política autoritária predominante até os anos 60, não apenas do Brasil, mas em muitas partes do mundo, fez com que os jovens e, principalmente, as mulheres, se revoltassem contra todo poder instituído, inclusive o patriarcal” (Gokhale Apud MELO, 1988; p. 3). A partir de lutas, movimentos e conquistas,

[...], as mulheres começaram a assumir um papel de maior destaque tanto na família quanto na sociedade, seja trabalhando em empregos formais ou ajudando nas despesas domésticas. Com isso, aos poucos, esse modelo tradicional se rompeu e foram surgindo novos modelos de família, [...] (MELO, 1988; p. 3).

Segundo Aldira Aparecida Pires de Melo (1987),

Com a revolução feminina a mulher passando a trabalhar fora, contribuindo para o sustento do lar e assumindo posições de maior relevância no mercado de trabalho, o homem passou a dividir a responsabilidade pela criação dos filhos e, isso, fez também com que o número de filhos de uma família se tornasse menor, devido, inclusive, às dificuldades advindas pela ausência da mãe, antes presença constante no lar.

Essas transformações por que passaram e ainda passam as famílias brasileiras refletem diretamente na constituição do direito aos espaços dos grupos denominados minorias, entre eles o das mulheres. De acordo com algumas pesquisas, a diferença entre o número de mulheres e o de homens presente no mercado de trabalho diminui relativamente. Ao levarmos em consideração as lutas e conquistas das mulheres podemos afirmar que a desigualdade com relação a esse número, ainda persiste.

Em nível nacional:

TABELA 15
DISTRIBUIÇÃO DOS OCUPADOS POR SEXO E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO
BRASIL

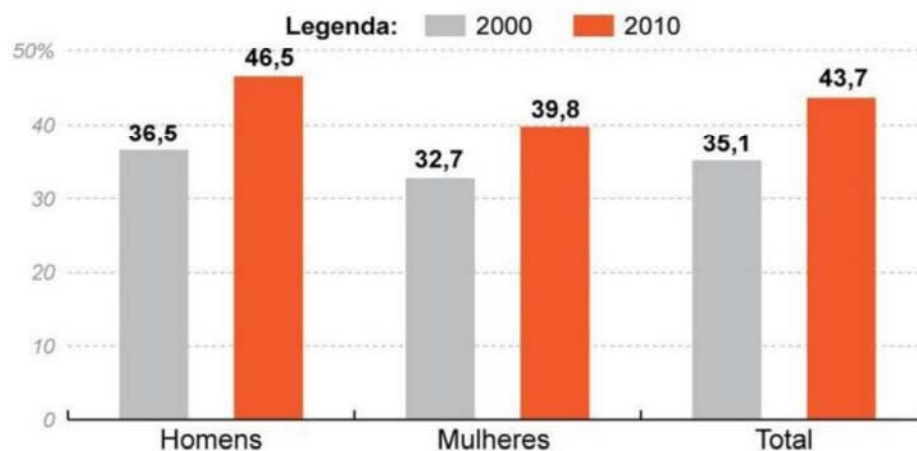
Posição na ocupação	Brasil			
	1993		2005	
	homens	mulheres	homens	mulheres
Empregados	58,6	42,7	60,4	47,9
Trabalhadores domésticos	0,7	16,6	0,9	16,9
Autônomos / contas próprias	25,4	15,8	25,5	16,2
Empregadores	4,9	1,5	5,4	2,6
Não remunerados	8,6	13,5	5,2	9,0
Consumo próprio*	1,9	9,9	2,7	7,3
Total (%)	100,0	100,0	100,0	100,0
Milhões	40,6	26,0	50.436.228	36.653.748

Fonte: FIBGE/PNADs-Microdados.

*Consumo e construção próprios ou para o grupo familiar.

Empregado com carteira de trabalho assinada (em %)

Distribuição percentual dos trabalhadores com 16 anos ou mais de idade



Fonte: Censo 2000 e 2010

Ao analisarmos a tabela e o gráfico percebemos que, apesar da desigualdade de distribuição do trabalho entre os gêneros, existiu um aumento da participação da mulher no mercado de trabalho ao longo dos anos.

Ao deslocarmos para os dados referentes ao lócus de nossa pesquisa, o município de Logradouro, aquelas informações se aproximam destas. Em 2013 a sua população foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 4.157 habitantes, distribuídos em 38 km² de área. Se formos analisar e comparar a partição dos ambos os sexos em relação a algumas atividades de trabalho, perceberemos que existe ainda uma predominância da mulher no que se refere aos serviços domésticos. No entanto, aqui a mulher também se encontra inserida em outras atividades trabalhistas, apresentando um número significativo. Em relação a esses números, as tabelas abaixo trazem algumas informações importantes.

Serviços domésticos:

Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência cuja atividade do trabalho principal era serviços domésticos – homens	6	pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência cuja atividade do trabalho principal era serviços domésticos – mulheres	53	pessoas

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Outras atividades de trabalho.

Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência com horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal de até 14 horas – homens	130	pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência com horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal de até 14 horas – mulheres	109	Pessoas

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência com ocupação no trabalho principal de trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados - homens	124	pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência com ocupação no trabalho principal de trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados - mulheres	113	pessoas

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Nestas duas últimas tabelas vemos que existe uma participação muito relevante das mulheres, onde a quantidade destas e a dos homens quase se igualam. Desta forma, podemos dizer que em algumas atividades de trabalho, mesmo sendo em uma cidade do interior, existe uma participação ativa das mulheres. Apesar dos serviços domésticos serem desenvolvidos, em grande parte, pelas mulheres, percebe-se que houve um deslocamento vertiginoso dessas para outras atividades antes ocupadas apenas por homens. Houve, portanto, uma certa emancipação da mulher. Isto mostra que elas estão conquistando seus espaços.

A primeira tabela que nos mostra os serviços domésticos onde a predominância é da mulher, se explica pelo fato de que a região em que se encontra inserido o município de Logradouro desenvolver uma economia predominantemente agrária. Ali se desenvolve a agricultura de subsistência, e nesta é o homem quem realiza quase todos os trabalhos. E os afazeres domésticos permanecem, em grande parte, sob responsabilidade da esposa.

2.1 – A Entrada da mulher no mundo do trabalho e a sua participação no processo de aprendizagem da criança.

De acordo com alguns pesquisadores, se por um lado a entrada da mulher no mercado de trabalho representou, para ela, certa autonomia e uma conquista de espaço, por outro inferiu na redefinição da estrutura familiar brasileira.

Nos últimos vinte anos, várias mudanças no plano socioeconômico e cultural, relacionadas ao processo de globalização, vêm interferindo na dinâmica e estrutura familiar e, conseqüentemente, estimulando alterações em seu padrão tradicional de organização. Embora, esse processo tenha começado com a Revolução Industrial, a interferência nas Configurações familiares passa por grandes mudanças; depois da II Guerra mundial, a mão de obra feminina aumentou em virtude da ausência masculina no mercado de trabalho. (CASARIN; RAMO, 2007, p. 5).

No entanto, à medida em que a mulher é inserida no campo de trabalho a participação do homem na educação familiar não cresce na mesma proporção, ficando essa atividade sob a responsabilidade unicamente da mulher. Segundo Casarin e Ramo (2007, p. 5-6),

A família é indispensável à garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos, independentemente da estrutura familiar, ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia a construção dos laços afetivos e a satisfação das necessidades no desenvolvimento da pessoa. Ela desempenha um papel decisivo na socialização e na educação. É na família que são absorvidos os primeiros saberes, e onde se aprofundam os vínculos humanos.

A formação inicial de uma criança é de inteira responsabilidade da família. São os pais os responsáveis por inserir a criança no mundo das relações. Em casa não lhe deve faltar o afeto, o cuidado, a segurança, os valores humanos para o seu crescimento pessoal. Em uma sociedade de origem patriarcal e de uma predominância de estereótipo machista, as responsabilidades e o cuidado com a prole é reservado à mulher. É a mãe - quando ela tem tempo e, principalmente, se não trabalhar “fora de casa” – quem, geralmente, se preocupa com a educação do/a filho/a. É a mãe, geralmente, a pessoa da família a levar a criança na escola, é ela que se dispõe a ajudar a criança nas tarefas de casa, exige da criança a sua dedicação aos estudos, participa mais das reuniões escolares, frequenta mais a escola. Não que um pai, tio ou outro membro da família também participe, mais é notório que à mulher mãe fica sobrecarregado essa atividade.

Essa falta de tempo da família para com os seus filhos tem levado muitos a pensarem que a mulher é a responsável por essa situação. É verdade que “a criança precisa de segurança, estabilidade, afetividade e compreensão para sentir-se adequada diante dos

processos de aprendizagem”. E isso é tarefa dos pais e não exclusividade da mãe (CASARIN; RAMO, 2007, p. 6).

Aqui alguns questionamentos podem nos permitir pensar essas situações de ausência dos pais, principalmente, na formação afetiva do filho. Será que a mãe e/ou o pai que passa o dia trabalhando tem condições de dar assistência ao/s filho/a (s) em suas necessidades afetivas, em seu desenvolvimento pessoal e emocional?

Parece que a ausência dos pais na vida afetiva, escolar da criança e adolescente tem sido um dos grandes problemas da sociedade atual. Essa ausência é uma marca cotidiana na vida dessas crianças. Enquanto a criança está em casa, a mãe e o pai se encontram no trabalho, e quando eles chegam em casa, o filho está saindo para a escola, dificilmente existe um encontro entre ambos. À noite, em muitas casas onde não existe uma empregada doméstica, a mãe precisa deixar tudo pronto (casa limpa, almoço pronto) para no outro dia logo cedo ir para o serviço. E além do mais tem que ir dormir cedo.

Essa falta de tempo dos pais no processo de aprendizagem da criança pode acarretar em diversos problemas como a fragilização dos laços amorosos, levando os adolescentes, por exemplo, a buscar suprir essa carência em outros grupos que muitas vezes comprometem o seu desenvolvimento.

De acordo com Casarin e Ramo,

[...] a criança carece de muito afeto e de uma troca com os adultos que vá além da satisfação das suas necessidades fisiológicas. A diminuição desse afeto, dessa troca, empobrece consideravelmente a criança e limita suas possibilidades de amadurecimento. Paradoxalmente, para poder satisfazer as necessidades fisiológicas e materiais dos filhos, os pais precisaram trabalhar cada vez mais, reduzindo, com isto, o tempo de contato direto com eles (2007, p. 8).

Diante de tantas crises que a sociedade contemporânea passou e vive uma das mais preocupantes é a desestruturação da célula familiar. A busca por uma complementação da renda familiar levou muitas famílias deixarem em segundo plano as funções paterna e materna. É nesse sentido que os profissionais da educação direcionam as suas queixas no desejo que a família observe o seu verdadeiro papel na formação dos sujeitos.

CAPÍTULO III – ENTRE A CASA E O TRABALHO: PARTICIPAÇÃO E AUSÊNCIA DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS

Neste capítulo procuramos fazer uma análise das entrevistas que realizamos durante a pesquisa, buscando relacioná-las com os discursos que afirmam a grande transformação da participação da mulher (mãe) no processo de aprendizagem dos filhos a partir do momento em que ela começou a entrar no mercado de trabalho, fazendo com que este acontecimento deixasse-a com pouco tempo para que pudesse fazer este acompanhamento que é tão importante para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional da criança.

As entrevistas realizadas foram gravadas em áudio, com consentimento das entrevistadas, e arquivadas em CDs. Logo em seguida foram transcritas e organizadas em sequências por datas de entrevistas, para que depois pudéssemos fazer as análises devidas. Trata-se de entrevistas estruturadas, onde foram elaboradas 6 perguntas². Com o objetivo de preservar a identidade das entrevistadas, os seus nomes não foram expostos neste trabalho e, para tanto, substituímos por nomes fictícios e letras alfabéticas (Mãe “A” e Mãe “B”).

As entrevistas que realizamos relatam dois momentos que vivenciaram os filhos na escola. O primeiro momento, quando teve um filho e participou do seu processo de aprendizagem antes dela entrar no mercado de trabalho; um segundo momento, em que o seu segundo filho nasceu à época em que ela já estava trabalhando.

Escolhemos este exemplo de mulher para que pudéssemos, a partir de suas respostas, analisar se realmente os estudos citados neste trabalho acadêmico, realizado através de pesquisas bibliográficas, tinham alguma aproximação com a realidade.

A primeira entrevista foi realizada com a senhora que iremos chamá-la de “dona Tereza” (Mãe A), mãe de dois filhos. O primeiro nasceu no ano de 1992, o segundo em 2003. Ela começou a trabalhar em 1998 como professora em uma escola municipal através de contrato. Em 1999 foi aprovada em concurso público e dez anos depois obteve êxito em um segundo concurso, desta vez para professora do ensino fundamental I. Atualmente leciona em dois turnos – manhã e tarde.

A segunda entrevista foi feita com a senhora, a qual denominamos de “dona Joana” (Mãe B), mãe de dois filhos. O primeiro nasceu no ano de 1995, o segundo em 2007. Ela começou a trabalhar em 1999 como auxiliar de serviços gerais em uma escola municipal

² As entrevistas realizadas se encontram transcritas no apêndice deste trabalho.

através de concurso público. Em 2004, para aumentar sua renda, começou a trabalhar como recepcionista em um hotel na cidade de Caiçara que fica a 3 km, seus horários de trabalho são de 6:00h às 10:00h na escola, e das 14:00h às 19:00h no Hotel.

Como as entrevistas tinha a intenção de analisar a participação da mãe no processo de aprendizagem dos filhos antes/depois dela entrar no mercado de trabalho, então, elaboramos seis perguntas, ambas se referindo sempre ao antes e depois, para que assim no final pudessemos comparar as respostas. Aqui destacaremos as perguntas com as suas respectivas respostas que achamos de fundamental importância para ilustrar o nosso objetivo.

Na primeira pergunta temos o seguinte questionamento: Quanto tempo por dia a senhora dedicava para ajudar o seu filho nas lições de casa?

Quando não trabalhava eu era muito participativa, sempre perguntava se tinha alguma tarefa para se fazer e quando meu filho me procurava para pedir ajuda nas tarefas de casa eu parava o que eu estivesse fazendo, ou seja os serviços domésticos e ia ajudá-lo. (Mãe A)

Eu tinha o dia todo para ajudar nas lições de casa, pois as vezes estava fazendo serviços domésticos ai meu filho chegava perto de mim e diz: 'Mãe tenho uma tarefa de casa para fazer', imediatamente deixava tudo que estava fazendo e ia lhe ajudar (Mãe B).

Com o intuito de saber com qual frequência eram suas participações no processo de aprendizagem dos seus filhos antes delas entrarem no mercado de trabalho que elaboramos a seguinte pergunta: Essa participação era frequentemente, ou tinha algum motivo que lhe impedia?

Era frequente, pois todos os dias eu fazia primeiro os serviços domésticos e, em seguida, chamava meu filho para juntos resolvermos a tarefa de casa e depois mandava ele ler um pequeno texto (Mãe A).

Era freqüente devido estar o dia todo em casa, saia só nos finais de semana (sábado) para fazer a feira com meu marido. (Mãe B)

Querendo saber qual era a satisfação em poder participar do processo de aprendizagem dos seus filhos, fiz o seguinte questionamento: A senhora se sentia satisfeita com a participação nas lições de casa que seu filho trazia?

Eu me sentia realizada quando via ele [o filho] terminando a lição e ficar feliz, pois tinha conseguido fazer com minha ajuda e aprendido alguma coisa. Isto era muito gratificante e satisfatório em poder acompanhar o seu processo de aprendizagem e saber que estava colaborando para o desenvolvimento intelectual. (Mãe A)

Quando eu via meu filho feliz dizendo que tinha aprendido o assunto, aquilo para mim era muito gratificante. (Mãe B)

Antes de entrar no mercado de trabalho suas ocupações eram com os serviços domésticos e a criação dos filhos, apenas seus esposos trabalhavam para sustentar suas famílias. Estes trabalham o dia todo em locais distantes da suas residências. Com as conquistas das mulheres de poder entrar no mercado de trabalho, elas sentiram-se na necessidade de trabalhar para poder ajudar seus esposos com a renda familiar e assim dar uma melhor condição de vida a seus filhos. Nas entrevistas que realizamos as mães apresentam as suas preocupações em dois momentos. O acompanhamento se dava em todo o cotidiano da criança e a família se via na fala das mães, uma unidade responsável pelo acompanhamento das atividades de casa e dos filhos.

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, aconteceu transformação na participação dela no processo de aprendizagem dos filhos, pois perguntamos as mesmas: Quanto tempo por dia a senhora dedica para ajudar o seu filho nas lições de casa?

Quando comecei a trabalhar em um expediente, já ficou difícil de participar do processo de aprendizagem dele [do filho], pois eu trabalhava de manhã e meu segundo filho estudava à tarde, então só tinha a noite e como sou professora, a noite era para mim preparar aula, corrigir tarefas e além dos deveres domésticos (Mãe A).

Nos primeiros anos de estudo do meu filho eu não participei, pois ele estudava de manhã e eu trabalho à tarde, então quando eu estava em casa ele tava na escola e só restava a noite, mas ele por ser pequeno dormia cedo da noite e também eu tinha muitos afazeres domésticos, pois se a dona de casa passa o dia todo em casa, não falta o que fazer, imagina quando ela passa as tarde fora de casa trabalhando. (Mãe B)

No início seu filho sentiu muito a falta da mãe, pois ele tinha que ir para a casa da sua avó, para que não ficasse em casa sozinho. A falta maior que a criança sentia era da ajuda de sua mãe nas tarefas de casa, pois só ela que participava. Portanto, o pai se torna ausente nessa responsabilidade, convencido culturalmente de que essa tarefa é uma responsabilidade tão somente materna. Segundo Teixeira,

Não deixar de estar presente na vida dos filhos é um dever dos pais expresso no art. 129, inciso V, do ECA, o qual não deixa dúvidas quanto sua obrigação de acompanhar frequência e aproveitamento escolar dos filhos. Assim, o mero colocar na escola, consoante o já exposto art. 55 do ECA, não elide a obrigação dos pais de garantir a permanência, bem como no de observar e participar da evolução escolar da criança ou adolescente, avaliando seus progressos individuais e estimulando-os para que o estudo seja-lhes rendoso Contudo, o descumprimento indesculpável dos deveres relacionados à educação dos filhos faz incidir as medidas previstas no artigo 129 do Estatuto da Criança e do Adolescente, sendo a mais grave a destituição do pátrio poder, “poder familiar”, bem como ainda, possivelmente constituir crime de abandono intelectual, punido com detenção de 15 dias a um mês, ou multa, art. 246 CP. (2014, p. 2)

Quando se diz: “Não deixar de estar presente na vida dos filhos é um dever dos pais”, isto está se referindo à “mãe” e ao “pai”, e não apenas à mãe. No entanto, em nossa sociedade a cultura do “machismo” ainda é bastante forte e nas convenções desse machismo a mulher se encontra como a única responsável de prover afeto e cuidado para com os filhos. Ao homem caberia apenas o direito de manter o sustento material da família. Portanto, ainda existe uma certa insistência por parte do homem em tornar a mulher como a única responsável pela participação no processo de aprendizagem dos filhos.

Tomando tais experiências para a nossa análise sobre a presença e/ou ausência da família na escola não queremos dizer que todas as famílias do município, que é nosso lócus de pesquisa, se comportam de tal maneira, mas que esses aspectos estão presente em parte bastante significativa das famílias que constitui essa comunidade.

As entrevistas nos demonstraram que a mulher entrando no mercado de trabalho, teve seu lado bom e ruim, percebemos isto nas falas das entrevistadas, pois o bom foi de a mulher conseguir trabalhando sua independência financeira, e se livrar da submissão ao seu esposo, mas as transformações em sua vida pessoal e acompanhamento no processo de aprendizagem dos filhos foram inevitáveis, a seguir as repostas das entrevistadas vão nos comprovar isto.

Para percebermos se houve transformações nas participações delas no processo de aprendizagem dos filhos por estar trabalhando, fizemos a seguinte pergunta: Essa participação é frequentemente, ou tem algum motivo que lhe impedi?

Não! Principalmente atualmente, pois como passo a manhã e a tarde trabalhando, dificilmente participo do processo de aprendizagem do meu segundo filho. Às vezes, nos finais de semana quando não estou dando aula em universidades particulares, eu pergunto se ele está com alguma dificuldade, com as atividades que a professora está passando, aí as vezes ele diz que teve, mas pediu ajuda a avó, mas ela não conseguiu lhe ajudar, então ficou sem fazer. Sua avó, coitada só estudou até a 3ª série, não consegui lhe ajudar, pois os estudos são poucos. (Mãe A)

Não participo frequentemente, devido a falta do tempo e do desencontro que no momento passamos, pois enquanto estou em casa durante a semana ele se encontra na escola. Às vezes olho o caderno dele no domingo. (Mãe B)

E questionadas sobre suas satisfações com a participação nas lições de casa que seus filhos traziam atualmente, eis suas repostas:

Não! Hoje me sinto muito culpada pela diferença tanto no que se diz respeito ao desenvolvimento intelectual e comportamental de ambos os filhos, pois este segundo filho que tive não consigo participar ativamente do seu processo de aprendizagem. E como toda ação tem reação, os resultados estão aparecendo, uma enorme diferença de um filho para o outro. Abro mão de participar de seu processo de aprendizagem para poder dar uma qualidade de vida melhor, pois se eu não trabalhar a remuneração que meu marido ganha não dar para termos o que almejamos, ou seja, é trabalhando para conseguir este símbolo (R\$) que eu e muitas mães estão sacrificando o futuro dos filhos (Mãe A)

Não! A minha participação no processo de aprendizagem do meu segundo filho é muito inferior em relação ao primeiro, e os resultados negativos já estão aparecendo. (Mãe B)

Ao analisar as respostas das mães que foram entrevistadas, percebemos que a entrada da mulher no mercado de trabalho teve seus benefícios e malefícios, como já foi observado anteriormente. O mal ocorreu, e continua ocorrendo, porque transformou drasticamente a sua participação no processo de aprendizagem dos filhos. Isto é inquestionável, pois tanto as teorias de autores citados neste trabalho, como as respostas das entrevistadas nos comprovam isto, e que está falta de participação ocasiona um prejuízo aos filhos. E esse dano é, verdadeiramente, incalculável. Tendo em vista que se o aluno não tem a participação dos familiares, os pais principalmente, a escola sozinha não irá suprir a necessidade, e aí começam a aparecer os resultados dessa ausência: as notas baixas, dificuldade de aprender, mau comportamento dentre outros problemas.

Observa-se acima nas falas das entrevistadas uma culpa imposta pela sociedade, assumida pelas mães. Contudo, ao mesmo tempo em que a mãe justifica essa sua ausência na vida escolar do filho ela acaba também por isentar a responsabilidade do pai para com seus filhos. Entende-se que nessas afirmações elaboradas por mulheres mães não há uma cobrança explícita pela participação do pai na vida escolar do filho. Na verdade, a ausência do pai se encontra implícita nas falas. De fato, é perceptível nas falas a cobrança de uma presença maior, mais intensa do pai na vida escolar do filho. Essa participação exige uma vigilância constante, um cuidado cotidiano, uma atenção permanente. Esse é o verdadeiro papel do pai, o de cuidar, de velar a vida da criança, de prepará-la para o mundo, de fazer-se presente em todos os seus instantes. Essa vigilância, que se traduz em cuidado por meio do afeto, permite à criança sentir-se protegida, amada, importante para a sua família e, portanto, lhe faz crescer enquanto pessoa, segura de si, pronta para atravessar e suportar todas as adversidades que o mundo possa lhe impor.

É possível que, quando não existe o acompanhamento da família a educação não se realiza em sua completude. Quando a criança não recebe a devida atenção que tanto precisa para solidificar sua educação, algo tão importante e que em muitas famílias não existem, seu crescimento cognitivo, emotivo, afetivo pode ficar comprometido.

Essa importância do acompanhamento da família na vida escolar da criança é destacada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que estabelece em seu Título I – artigo 1º que,

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL/LDB, 1996)

A sociedade tem que pensar nos danos que estão sendo causados, pois, como vivemos em um sistema capitalista, as pessoas estão seduzidas em querer apenas trabalhar para obter uma renda e poder consumir o que o mercado lhe oferece, mas, estão esquecendo-se do principal, que é o futuro dos filhos, deixando-os em segundo plano. Nessa compreensão, pode-se indagar, como serão as futuras gerações?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi o de analisar algumas transformações ocorridas na participação da família no processo de aprendizagem da criança em Logradouro entre os anos 1988-2017. Para tanto, buscamos compreender como alguns estudos percebem tais mudanças e como tais pensadores podem ser tomados para discutirmos essas experiências em um pequeno município do agreste paraibano.

Estruturamos o nosso trabalho em três capítulos básicos. No primeiro, abordamos, **“A participação da família patriarcal no processo de aprendizagem da criança: algumas notas”**. No segundo capítulo, procuramos entender **“A ausência da família no processo de aprendizagem da criança: em busca de fatores contributivos”**, e no capítulo III, analisamos as falas de duas mães sobre a participação dessas na vida escolar dos filhos: **“Entre a casa e o trabalho: participação e ausência dos pais na vida escolar dos filhos”**.

A pesquisa nos mostra que os principais fatores contributivos para as transformações da participação da família no processo de aprendizagem da criança, no Brasil aconteceram a partir do século XIX, como afirma Teruya, “[...] da chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro e com o início de uma vida social na Colônia, que incluiu o estabelecimento de oportunidades de estudos e outras formas de ascensão social” (p. 10). Como citado anteriormente, o processo de urbanização e industrialização permitiu à mulher uma luta pela conquista de novos espaços e uma das conquistas mais significativa foi a sua entrada no mercado de trabalho.

Se em uma cidade do interior da Paraíba, onde não há indústrias, apenas poucos comércios e existe em algumas famílias toda esta transformação, é de se imaginar que em um grande centro urbano, por exemplo, como João Pessoa, quantas famílias passaram por estas transformações e que seus filhos estão sendo prejudicados.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BORSA, Juliane Callegaro. **O papel da mulher no contexto familiar:** Uma breve reflexão. Disponível em: <www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>. Acesso em: 23 fev 2017.

BRASIL. LDB. Art. 1 da **Lei de Diretrizes e Bases** - Lei 9394/96. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/.../artigo-1-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>>. Acesso em: 26 jan 2017.

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca. **Família e Aprendizagem Escolar.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Faculdade de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre - RS, 2007.

CASARIN, E. F.; RAMOS, M. B. Família e aprendizagem escolar. **Revista de Psicopedagogia.** São Paulo, v. 24, n. 74, 2007. pp. 182-201

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 08 mar 2017.

MELO, Aldira Aparecida Pires de. **Influência da família no processo de aprendizagem escolar infantil.** Disponível em www.posgraduacaoredentor.com.br/hidden/path_img/conteudo_54247345d3e02.pdf. Acesso em: 27 jan 2017.

MONCORVO, Maria Cecília Ribeiro. Família brasileira: do patriarcalismo colonial ao crescente poder feminino na contemporaneidade. In: **Criando os filhos sozinho:** a perspectiva feminina da família monoparental. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: PUC, 2008. pp. 13-24

PEREIRA, P.A. Desafios Contemporâneos para a Sociedade e a Família. In: **Revista Serviço Social e Sociedade.** Nº 48, Ano XVI. São Paulo, Cortez, 1995.

Perfil do Município de Logradouro, PB | **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013.** Disponível em: <cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=250855>. Acesso em: 24 fev 2017.

SILVA, Lianzi dos Santos. A identidade Social das Mulheres. In: SILVA, Lianzi dos Santos. **Mulheres em Cena:** as novas roupagens do primeiro damismo na Assistência Social. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15501/15501_3.PDF>. Acesso em 27 dez 2016.

TEIXEIRA, John Lincoln Santos. Educação: dever do Estado e da família – principalmente da família, Cuiabá, out. 2014. Disponível em: <<https://jus.com.br/amp/pareceres/32818/1>> Acesso em 27 de Set de 2017.

TERUYA, Marisa Tayra. A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 12, Caxambú, 23-27 out. 2000. Anais Eletrônicos. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/TodosA%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>. Acesso em: 16 jan 2017.

APÊNDICE

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS

PRIMEIRA ENTREVISTA

ENTREVISTA COM A MÃE A

LOCAL ONDE SE REALIZOU A ENTREVISTA: Logradouro

DIA DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: 22 de Agosto de 2017

PROFISSÃO DA ENTREVISTADA: Professora

QUANTIDADE DE FILHOS: 2 filhos

PROFISSÃO DO ESPOSO: Auxiliar de pedreiro

PRIMEIRO FILHO (Não Trabalhava)	SEGUNDO FILHO (trabalhando)
1º) Quanto tempo por dia a senhora dedicava para ajudar o seu filho nas lições de casa?	1º) Quanto tempo por dia a senhora dedica para ajudar o seu filho nas lições de casa?
Quando não trabalhava eu era muito participativa, sempre perguntava se tinha alguma tarefa para se fazer e quando meu filho me procurava para pedir ajuda nas tarefas de casas eu parava o que eu estivesse fazendo, ou seja, os serviços domésticos e ia ajuda-lo.	Quando comecei a trabalhar em um expediente, já ficou difícil de participar do processo de aprendizagem dele, pois eu trabalhava de manha e meu segundo filho estudava a tarde, então só tinha a noite e como sou professora, a noite era para mim preparar aula, corrigir tarefas e além de os deveres domésticos.
2º) Essa participação era frequentemente, ou tinha algum motivo que lhe impedia?	2º) Essa participação é frequentemente, ou tem algum motivo que lhe impedi?
Era freqüente, pois todos os dias eu fazia primeiro os serviços domésticos e em seguida, chamava meu filho para juntos resolver a tarefa de casa e depois mandava ele ler um pequeno texto.	Não! Principalmente atualmente, pois como passo a manhã e a tarde trabalhando, dificilmente participo do processo de aprendizagem do meu segundo filho, as vezes nos finais de semana quando não estou dando aula em universidades particulares eu

	<p>pergunto se ele está com alguma dificuldade com as atividades que a professora está passando, aí as vezes ele diz que teve, mas pediu ajuda a avô, mas ela não conseguiu lhe ajudar, então ficou sem fazer. Sua avô, coitada só estudou até a 3ª série, não consegui lhe ajudar, pois os estudos são poucos.</p>
<p>3º) Procurava fazer com que seu filho não chegasse atrasado à escola?</p>	<p>3º) Procura fazer com que seu filho não chegue atrasado à escola? Ou geralmente no horário de ele sair para a escola a senhora não está em casa?</p>
<p>Sim! Eu mesma ia levar na escola e ia buscar-lo.</p>	<p>Hoje, eu saio de manha logo cedo, pois a escola que trabalho fica distante da minha casa, deixo o que estuda de manhã tomando café e ele vai para a escola só, pois fica próximo da escola. Já recebi algumas reclamações dele chegar atrasado. E como almoço fora de casa, também não posso acompanhar o que estuda a tarde, este avô é quem leva para a escola.</p>
<p>4º) A senhora perguntava sobre o que aconteceu na escola, quando seu filho retornava a sua casa após a aula?</p>	<p>4º) A senhora pergunta frequentemente sobre o que aconteceu na escola, quando seu filho retorna a sua casa após a aula ? ou dificilmente?</p>
<p>Sim! Todos os dias, como eu ia buscar-lo na escola, eu às vezes já conversava com a professora e perguntava como estava se comportando, o que ele tinha que estudar em casa, etc.</p>	<p>Atualmente eu pergunto nos finais de semana como foi as aulas durante a semana.</p>
<p>5º) A senhora foi chamada pela direção da escola para resolver algum problema com seu filho, com relação ele não está participando das atividades de classes, mau comportamento ou não está fazendo</p>	<p>5º) A senhora foi chamada recentemente pela direção da escola para resolver algum problema com seu filho, com relação ele não está participando das atividades de classes, mal comportamento ou não está</p>

as lições de casa?	fazendo as lições de casa?
<p>Não! Eu ia a escola quando tinha as reuniões de pais e mestres e nunca a professora nem a gestora fez reclamações do comportamento do meu filho. As notas eram ótimas.</p>	<p>Fui varias vezes, em algumas não pude comparecer por que estava trabalhando, mas tive que faltar no trabalho para poder ir. Dificilmente compareço nas reuniões de pais e mestres, mas olho o boletim escolar e geralmente existe notas em vermelho.</p>
<p>6º) A senhora se sentia satisfeita com a participação nas lições de casa que seu filho trazia?</p>	<p>6º) A senhora se senti satisfeita com a participação nas lições de casa que seu filho traz?</p>
<p>Sim! Eu me sentia realizado quando via ele terminando a lição e ficar feliz, pois tinha conseguido fazer com minha ajuda e aprendido alguma coisa. Isto era muito gratificante e satisfatório em poder acompanhar o seu processo de aprendizagem e saber que estava colaborando para o desenvolvimento intelectual.</p>	<p>Não! Hoje me sinto muito culpada pela diferença tanto no que se diz respeito ao desenvolvimento intelectual e comportamental de ambos os filhos, pois este segundo filho que tive não consigo participar ativamente do seu processo de aprendizagem, e como toda ação tem reação, os resultados estão aparecendo, uma enorme diferença de um filho para o outro. Abro mão de participar de seu processo de aprendizagem para poder dar uma qualidade de vida melhor, pois se eu não trabalhar a renumeração que meu marido ganha não dar para termos o que almejamos, ou seja é trabalhando para conseguir este símbolo (R\$) que eu e muitas mães estão sacrificando o futuro do filhos.</p>

SEGUNDA ENTREVISTA

ENTREVISTA COM A MÃE B

LOCAL ONDE SE REALIZOU A ENTREVISTA: Logradouro - PB

DIA DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: 27 de Setembro de 2017

PROFISSÃO DA ENTREVISTADA: Auxiliar de serviços gerais/recepcionista

QUANTIDADE DE FILHOS: 2

PROFISSÃO DO ESPOSO: Mestre de obra

Segunda entrevista

PRIMEIRO FILHO (Não Trabalhava)	SEGUNDO FILHO (trabalhando)
1º) Quanto tempo por dia a senhora dedicava para ajudar o seu filho nas lições de casa?	1º) Quanto tempo por dia a senhora dedica para ajudar o seu filho nas lições de casa?
Eu tinha o dia todo para ajudar nas lições de casa, pois as vezes estava fazendo serviços domésticos ai meu filho chegava perto de mim e diz: Mãe tenho uma tarefa de casa para fazer, imediatamente deixava tudo que estava fazendo e ia lhe ajudar.	Nos primeiros anos de estudo do meu filho eu não participei, pois ele estudava de manhã e eu trabalho a tarde, então quando eu estava em casa ele tava na escola e só restava a noite, mas ele por ser pequeno dormia cedo da noite e também eu tinha muitos afazeres domésticos, pois se a dona de casa passa o dia todo em casa, não falta o que fazer, imagina quando ela passa as tarde fora de casa trabalhando.
2º) Essa participação era frequentemente, ou tinha algum motivo que lhe impedia?	2º) Essa participação é frequentemente, ou tem algum motivo que lhe impedi?
Era freqüente devido estar o dia todo em casa, saia só nos finais de semana (sábado) para fazer a feira com meu marido.	Não participo freqüentemente, devido a falta do tempo e do desencontro que no momento passamos, pois enquanto estou em casa durante a semana ele se encontra na escola. As vezes olho o caderno dele no domingo.

<p>3º) Procurava fazer com que seu filho não chegasse atrasado à escola?</p>	<p>3º) Procura fazer com que seu filho não chegue atrasado à escola? Ou geralmente no horário de ele sair para a escola a senhora não está em casa?</p>
<p>Todo dia quem levava meu filho na escola era eu, nunca chegou atrasado.</p>	<p>Geralmente no horário que ele vai para a escola eu não estou em casa.</p>
<p>4º) A senhora perguntava sobre o que aconteceu na escola, quando seu filho retornava a sua casa após a aula?</p>	<p>4º) A senhora pergunta frequentemente sobre o que aconteceu na escola, quando seu filho retorna a sua casa após a aula ? ou dificilmente?</p>
<p>Nem precisava perguntar, pois quando ia buscá-lo na escola a gestora ou a professora já dizia como tinha sido o seu comportamento e como ele era meio danadinho no dia que ele aprontava eu já ficava sabendo e ao chegar em casa, tinha uma conversa com ele para corrigir seus erros e se fosse preciso deixa de castigo .</p>	<p>Atualmente não tenho este acompanhamento, pois só algumas vezes consigo ir as reuniões de pais e mestres.</p>
<p>5º) A senhora foi chamada pela direção da escola para resolver algum problema com seu filho, com relação ele não está participando das atividades de classes, mau comportamento ou não está fazendo as lições de casa?</p>	<p>5º) A senhora foi chamada recentemente pela direção da escola para resolver algum problema com seu filho, com relação ele não está participando das atividades de classes, mau comportamento ou não está fazendo as lições de casa?</p>
<p>Não! Pois todo dia eu era quem procurava saber o que tinha acontecido.</p>	<p>Sim! Várias vezes, este é mais impossível do que meu primeiro filho, era preciso que eu acompanhasse o dobro do que acompanhei o outro para ver se ele mudava de comportamento e melhorar as notas.</p>
<p>6º) A senhora se sentia satisfeita com a participação nas lições de casa que seu filho trazia?</p>	<p>6º) A senhora se senti satisfeita com a participação nas lições de casa que seu filho traz?</p>
<p>Quando eu via ele feliz dizendo que tinha aprendido o assunto, aquilo para mim era muito gratificante.</p>	<p>Não! A minha participação no processo de aprendizagem do meu segundo filho é muito inferior em relação ao primeiro, e os resultados negativos já estão aparecendo.</p>